

As Festas do Senhor durante o Tempo Comum (1)

Neste editorial dedicado às festas do Senhor que a Igreja nos apresenta ao longo do Tempo comum, recolhemos algumas considerações de quatro delas: a Apresentação e a Anunciação do Senhor, a Santíssima Trindade e o Corpus Christi.

13/06/2019

O tempo de uma presença

“Como agora eu, que vim a vós em nome do Senhor, vos encontrei em vigília em seu nome, assim o próprio Senhor, em cuja honra celebramos esta solenidade, encontrará a sua Igreja velando na luz da alma, quando vier despertá-la” [1]. Velar na luz da alma: estas palavras de Santo Agostinho, pronunciadas durante uma vigília pascal, resumem bem o sentido das grandes solenidades e festas do Senhor que marcam o Tempo Comum, desdobrando, ao longo de todo o ano, o mistério da salvação que brota da Cruz, emana do Sepulcro vazio e renova a face da terra.

“O único e idêntico centro da liturgia e da vida cristã –o mistério pascal – adquire então, nas diversas solenidades e festas, "formas" específicas, com ulteriores significados e com particulares dons da graça” [2]. As festas da Transfiguração e da Exaltação da

Santa Cruz são comuns a todas as tradições litúrgicas, enquanto que as solenidades da Santíssima Trindade, do Santíssimo Corpo de Cristo, do Sagrado Coração de Jesus e de Cristo, Rei do Universo são próprias da Igreja romana.

Por último, duas festas profundamente vinculadas com a vida de Maria, a Apresentação de Jesus no Templo e a solenidade da Anunciação do Senhor, celebram-se também dentro do Tempo comum. Por seu teor teológico, ambas pertencem, na realidade, ao ciclo de Manifestação ou Tempo de Natal, mas seu lugar no calendário se deve ao modo pelo qual, por caminhos complexos, se acabou fixando sua data.

A Apresentação de Jesus no Templo

A lei mosaica prescrevia que todo primogênito de Israel devia ser consagrado a Deus quarenta dias

depois de nascer e ser resgatado com uma soma oferecida ao tesouro do Templo. Tratava-se de lembrar como os primogênitos foram preservados na noite da primeira Páscoa, durante a saída de Egito. O Evangelho de São Lucas recolhe a apresentação de Jesus no Templo desta forma:

“Concluídos os dias da sua purificação da mãe e do filho, segundo a Lei de Moisés, Maria e José levaram Jesus a Jerusalém para o apresentar ao Senhor, conforme o que está escrito na lei do Senhor: Todo primogênito do sexo masculino será consagrado ao Senhor” [3]. São José e Nossa Senhora entram no templo, despercebidos entre a multidão: o Esperado por todos os homens entra inerme, no colo de sua Mãe, na casa de seu Pai. A liturgia desse dia nos desperta com o salmo responsorial, para que adoremos o Rei da Glória no seio desta discreta família. “Ó portas, levantai vossos frontões! Elevai-vos bem mais alto,

antigas portas, a fim de que o rei da glória possa entrar!” [4]

Foi no século IV que a Igreja de Jerusalém começou a celebrar anualmente esse mistério. A festa era celebrada no dia 14 de fevereiro, quarenta dias depois da Epifania, porque a liturgia de Jerusalém ainda não tinha adotado o costume romano de celebrar o Natal no dia 25 de dezembro. Por isso, quando este uso se tornou comum em toda a orbe cristã, a festa da Apresentação foi transladada para o dia 2 de fevereiro e assim se estendeu por todo o Oriente. Em Bizâncio, foi introduzida pelo imperador Justiniano I, no século VI, sob a avocação de *Hypapante* ou o *encontro* de Jesus com o ancião Simeão, figura dos justos de Israel, que pacientemente tinha esperado por um longo tempo o cumprimento das promessas messiânicas.

Durante o século VII, a celebração arraigou-se também no Ocidente. O nome popular de *candelária* ou *festa da luz* provem da tradição de fazer uma procissão com velas, instituída pelo Papa Sérgio I. Como proclama o ancião Simeão, Jesus é o Salvador, apresentado “diante de todos os povos, como luz para iluminar as nações”. [5] A Igreja, ao celebrar a vinda e manifestação da luz divina ao mundo, benze as velas todos os anos, como símbolo da perene presença de Jesus e da luz da fé que os fiéis recebem pelo sacramento do Batismo. Assim, a procissão com as velas acesas se converte em uma expressão da vida cristã: um caminho iluminado pela luz de Cristo.

A comemoração anual da Apresentação de Jesus no Templo é também uma celebração mariana. Por isso, em determinadas épocas, foi conhecida como festa da Purificação

de Maria. Ainda que preservada por Deus do pecado original, Maria, como mãe hebreia, quer se submeter à Lei do Senhor e por isso oferece “**um par de rolas ou dois pombinhos**”.[6] A oblação de Maria se converte assim em um sinal da sua obediência pronta aos mandatos de Deus. “Aprenderás com este exemplo, menino bobo, a cumprir a Santa Lei de Deus, apesar de todos os sacrifícios pessoais?”[7]

A Anunciação do Senhor

No dia 25 de março, a Igreja celebra o anúncio do cumprimento das promessas de salvação. Maria conhece, dos lábios do Anjo, que achou graça diante de Deus. Pela ação do Espírito Santo, conceberá um filho que será chamado Filho de Deus. Salvará o seu povo e se elevará sobre o trono de Davi e o seu reino não terá fim [8]. É a festa da Encarnação: o Filho eterno do Pai

entra na história. Faz-se homem na carne de Maria, uma moça humilde do povo de Israel. Desde então, “a história não é mais uma simples sucessão de séculos, anos, dias, mas sim o tempo de uma presença que lhe dá pleno significado e abertura a uma sólida esperança” [9].

É provável que, no século IV, essa festa já fosse celebrada na Palestina, pois naquelas datas se levantou uma basílica em Nazaré, no lugar onde a tradição colocava a casa de Maria. Esse forte traço mariano pode ser percebido no nome que a celebração também recebeu: *Anunciação à Virgem Maria*. Muito brevemente, durante o século V, a festa será difundida pelo oriente cristão, para depois ser transmitida ao Ocidente. Na segunda metade do século VII, já há testemunhas de sua celebração na Igreja romana, no dia 25 de março, sob a avocação de *Annuntiatio Domini*.

A data escolhida para a festa parte de uma antiga tradição que colocava a criação do mundo no dia preciso do equinócio da primavera (que no início da era cristã correspondia ao dia 25 de março do calendário juliano). De acordo com a ideia de que a perfeição implica no cumprimento de ciclos completos, os primeiros cristãos consideraram que a encarnação de Cristo (começo da nova criação), a sua morte na cruz, e a sua vinda definitiva no final dos tempos, deviam ser situados nessa mesma data, que, dessa forma, aparece carregada de sentido. Além disso, o lugar preciso do Natal no calendário – nove meses depois da Anunciação –, parece ter sua origem nessa primitiva datação.

Os textos da Missa e da Liturgia das Horas dessa solenidade focam-se na contemplação do Verbo feito carne. O salmo 39 (40) evocado na antífona de entrada, no salmo responsorial e na

segunda leitura é o fio condutor de toda celebração: “Eis que venho fazer a vossa vontade, Senhor!” [10]. Jesus se encarna por obediência ao querer de seu Pai; e, sua mãe atua da mesma forma. Maria se turba, mas não põe objeções: não duvida da palavra do anjo. Movida pela fé, diz “sim” à vontade de Deus. “Maria manifesta-se santamente transformada, no seu coração puríssimo, em face da humildade de Deus: (...). A humildade da Virgem é consequência desse abismo insondável de graça, que se opera com a Encarnação da Segunda Pessoa da Trindade Beatíssima nas entranhas de sua Mãe sempre Imaculada ” [11].

A Santíssima Trindade

No primeiro domingo depois de Pentecostes, a Igreja celebra a solenidade da Santíssima Trindade. Nesse dia, glorificamos ao Pai, ao

Filho e ao Espírito Santo, Deus uno, trino em pessoas: “ao proclamar nossa fé na verdadeira e eterna Divindade, adoramos três Pessoas distintas, de única natureza e iguais em dignidade” [12]. “Ouvistes-me dizer muitas vezes que Deus está no centro de nossa alma em graça. Portanto, todos temos uma linha direta com Deus Nosso Senhor. De que valem todas as comparações humanas, com essa realidade divina, maravilhosa? No outro lado da linha esperando por nós está, não só o Grande Desconhecido, mas a Trindade inteira: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (...). É uma pena que os cristãos nos esqueçamos de que somos trono da Trindade Santíssima. Aconselho-vos que desenvolvais o costume de procurar a Deus no mais profundo de vosso coração. Isso é a vida interior” [13].

Ainda que essa festa tenha sido introduzida no calendário romano

em meados do século XIV, suas origens se remontam ao período patrístico. Já São Leão Magno costumava desenvolver a doutrina sobre o mistério trinitário durante o período de Pentecostes. Algumas das suas expressões aparecerão recolhidas mais tarde no prefácio da Missa do domingo da oitava de Pentecostes. Sucessivamente, no reino franco, será composta uma Missa da Santíssima Trindade que conhecerá uma primeira difusão por todo o Ocidente, talvez como um meio para ensinar, assiduamente, ao povo cristão a verdadeira fé em Deus.

Porém, a Igreja Romana não definiu uma festa especial no calendário para a Santíssima Trindade, porque as invocações ao Deus uno e trino e as doxologias já lhe dão um lugar central na liturgia. Esta situação não impediu que algumas dioceses ou comunidades monásticas

celebrassem anualmente uma festa litúrgica trinitária, ainda que a data não fosse uniforme. Seria o Papa João XXII quem, finalmente, em 1334, introduziria no calendário romano a festa da Santíssima Trindade, no domingo anterior ao domingo de Pentecostes. Por outra parte, ainda que as Igrejas do Oriente cristão não tenham estabelecido uma festa específica, dedicam a maior parte dos cantos do domingo de Pentecostes a contemplar o mistério trinitário.

O Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo

A solenidade do Corpo e Sangue de Cristo (o dia de *Corpus Christi*) nasce na Idade Média, fruto da piedade eucarística e da reafirmação dos dogmas depois de várias controvérsias teológicas. A festa foi celebrada pela primeira vez em Liége, Bélgica, no ano de 1247, a

pedido da Santa Juliana de Mont Cornillon, religiosa que dedicou grande parte da sua vida a promover a devoção ao santo Sacramento do altar. Em 1264, o Papa Urbano IV, impressionado pelo milagre eucarístico de Bolsena – testemunhado em pedra pelo monumental domo de Orvieto, que é como um grande relicário – instituiu, com caráter universal, a solenidade em honra do Santíssimo Sacramento para a quinta-feira posterior à oitava de Pentecostes. A bula de instituição da festa apresenta, em apêndice, os textos da Missa e do Ofício do dia, redigidos, segundo a tradição, por São Tomás de Aquino. A antífona *O sacrum convivium* das segundas vésperas da festa, sintetiza de modo admirável a fé da Igreja, o *mysterium fidei*: “Ó Sagrado banquete em que se recebe Cristo! Renova-se a memória de sua Paixão e a alma se enche de graça e nos é dada o penhor da glória futura” [14]. “Cada um de nós – dizia

o papa nessa solenidade – pode se perguntar: e eu? Onde quero comer? Em que mesa quero me alimentar? Na mesa do Senhor? Ou sonho com comer gostosos manjares, mas na escravidão? Além disso, cada um de nossos pode se perguntar: qual é a minha lembrança? A do Senhor que me salva ou a do alho e das cebolas da escravidão? Com que lembrança sacio a minha alma?” [15].

Como essa festa gira em torno da adoração do Santíssimo Sacramento e a fé na presença real de Cristo sob as espécies eucarísticas, é lógico que, já no século XIV, surgisse o costume de acompanhar o Senhor sacramentado pelas ruas das cidades. Anteriormente, o Santíssimo tinha presidido a procissão dos ramos no domingo de ramos, ou sido transladado solenemente na manhã de Páscoa, a partir do “monumento” ou “sepulcro” até o tabernáculo principal do templo. A *procissão do*

Corpo de Cristo como tal será definitivamente acolhida em Roma, no século XV. Graças a Deus, nos últimos anos estamos assistindo a um reflorescimento dessa devoção também nos lugares em que ela tinha desaparecido durante séculos.

Fazemos nossos os sentimentos de São Josemaria na festa de Corpus Christi de 1971: “enquanto celebrava a Missa hoje de manhã, disse a Nosso Senhor com o pensamento: eu te acompanho em todas as procissões do mundo, em todos os Sacrários onde te honram, e em todos os lugares onde estejas e não te honrem” [16].

[1] Santo Agostinho, *Sermão 223 D* (PL *Supplementum 2*, 717-718).

[2] Bento XVI, *Homilia*, 31-V-2009.

[3] Lc. 2,22-23.

[4] Salmo 23 (24), 7.

[5] Lc. 2,32.

[6] Lc. 2,24.

[7] Santo Rosário, IV mistério gozoso.

[8] Cfr. Lc 1, 26-33.

[9] Bento XVI, *Audiência*, 12-XII-2012.

[10] Cfr. Sl 39 (40), 8-9.

[11] *Amigos de Deus*, n. 96.

[12] *Missal Romano*, Prefácio da Missa da solenidade da Santíssima Trindade.

[13] São Josemaria, Anotações de sua pregação, 8-XII-1972.

[14] Antífona *ad Magnificat*, Vésperas II da Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo.

[15] Francisco, *Homilia*, 19-VI-2014 (cfr. Núm 11, 4-6)

[16] Javier Echevarría, *Recordações sobre Monsenhor Escrivá.*

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/o-tempo-de-
uma-presenca/](https://opusdei.org/pt-br/article/o-tempo-de-uma-presenca/) (28/01/2026)